

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS - UNIS

JORNALISMO

MAICON ADÃO

**LIVRO-REPORTAGEM “PÁGINAS DA EDUCAÇÃO”: relatos da professora que
transforma vidas**

**Varginha
2019**

MAICON ADÃO

**LIVRO-REPORTAGEM “PÁGINAS DA EDUCAÇÃO”: relatos da professora que
transforma vidas**

Relatório Técnico-Científico apresentado ao curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel, sob orientação da Profa. Ma. Gisele Cristina Nishiyama.

Varginha

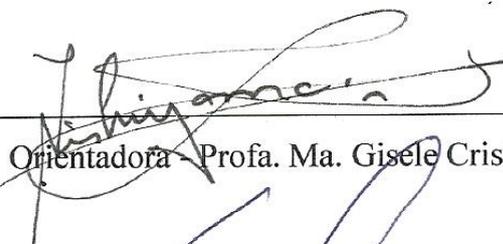
2019

MAICON ADÃO

**LIVRO-REPORTAGEM “PÁGINAS DA EDUCAÇÃO”: relatos da professora que
transforma vidas**

Relatório Técnico-Científico apresentado ao curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel, sob orientação da Profa. Ma. Gisele Cristina Nishiyama.

Aprovado em 25/11/2019



Orientadora - Profa. Ma. Gisele Cristina Nishiyama



Prof. Dra. Terezinha Richartz



Prof. Esp. Leonardo Beneton de Oliveira

OBS.:

Dedico este trabalho a todos que me ajudaram na sua confecção, possibilitando-me crescer a cada dia mais como pessoa e profissional.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria Aparecida, que sempre me incentivou ao estudo, mostrando que a educação é um dos caminhos mais transformadores que existe para sermos pessoas melhores.

“Todos os nossos sonhos podem se tornar realidade, se tivermos coragem de perseguí-los.”

Walter Elias Disney

RESUMO

O presente trabalho propõe a criação de um livro-reportagem, contando a história da pedagoga Priscilla Bibiano de Oliveira, supervisora educacional no CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) Mundo encantado, em Varginha/MG. O propósito é mostrar a realidade de uma profissional da área da educação. A metodologia utilizada foi estudo de caso. A produção deste livro pôde mostrar as diversas faces de quem atua na área. Suas lutas, seus dilemas, suas alegrias e, principalmente, seus desafios. A pedagoga descrita nesse trabalho contribuiu de forma efetiva na vida, não só de seus educadores, mas também das pessoas ao redor. O poder transformador da educação foi o que motivou, e motiva, Priscilla a estar na área. Cada capítulo expressa os altos e baixos que ela, assim como outros profissionais da educação, enfrenta na árdua batalha do dia-a-dia. Desta forma, o livro-reportagem *Páginas da Educação: Priscilla e suas histórias* tem a missão de eternizar sua história, sua contribuição social e educacional, da mesma maneira que mostrar a importância de educadores sociais, professores, etc., na vida de cada pessoa.

Palavras-chave: Livro-reportagem. Jornalismo Literário. Educação.

ABSTRACT

This paper proposes a report book creation, about the pedagogue story by Priscilla Bibiano de Oliveira, supervisor education at CEMEI (Municipal Center for Early Childhood Education) Enchanted World, in Varginha/MG. The purpose is show the reality of an education professional. The methodology used was case study. The production of this book could show the various faces of those who work in area. Their struggles, their dilemmas, their joys and, especially, their challenges. The educator described in this paper has effectively contributed to the lives of not only her educators, but also the people around her. The power's transformation of education is the reason of been motivated and motivates Priscilla to be in the field. Each chapter expresses the ups and downs that she, like other education professionals, faces in the arduous battle of everyday. Thus, the report book "Pages of Education: Priscilla and her stories" has the mission to do this story be immortal, its social and educational contribution, as well as showing the importance of social educators, teachers, etc. in the life of each person.

Keywords: Book Report. Literary Journalism. Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 LIVRO-REPORTAGEM.....	12
3 DESCRIÇÃO DO PRODUTO FINAL.....	19
4 PRÉ-PRODUÇÃO.....	21
4.1 Pesquisa e roteiro.....	21
4.2 Equipe	22
5 PRODUÇÃO.....	23
5.1 Equipamentos	24
5.2 Locações.....	25
5.3 Entrevista	26
6 PÓS-PRODUÇÃO.....	29
6.1 Decupagem	29
6.1 Edição	30
6.3 Finalização.....	31
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICE	36

1 INTRODUÇÃO

O livro-reportagem sempre esteve presente na humanidade, mas não tem uma data de surgimento. Muito se especula sobre os primórdios de sua publicação. O grande diferencial das outras narrativas é que ele se utiliza das ferramentas e conceitos do jornalismo. “Muito antes de seu conceito ser empregado nos círculos acadêmicos ou nas rodas de jornalistas, centenas de narrativas de não-ficção já haviam sido publicadas.” (BELO, 2006, p. 19).

De acordo com Zibordi (2016), o livro-reportagem propicia ansiedade. O narrador consegue demonstrar consciência para demarcar um sentido humanitário, que usa técnicas e dados jornalísticos, porém, transforma-se em uma reportagem de ação, embora não se sobreponha às histórias das pessoas, o que vai muito além de uma mera descrição da realidade. Desta forma, a mídia constrói a sua própria forma e estilo de narração, ela representa um modo de produzir discursos, trazendo sentido através da expressão de relatos, imagens, que possibilitam ao ser humano refletir. Para Rodrigues (2010), a abordagem geral impossibilita às vezes o relato de fatos de diversos atores sociais, dificultando cobrir adequadamente os acontecimentos, como o de violência no país. Este trabalho vem possibilitar o aprofundamento do olhar docente que transcende o espaço da sala de aula.

No Brasil o livro-reportagem ganhou destaque, no Brasil, com a cobertura da guerra de Canudos. Até então enviado para cobrir a Guerra de Canudos para O Estado de São Paulo, Euclides da Cunha transformou tudo o que presenciou em livro. Este que foi o primeiro do Brasil.

O período de maior destaque para a publicação jornalística em livro começou na década de 1980. O primeiro exemplar do gênero digno do nome é, claro, bem anterior a isso. *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, foi esculpido em 1897 como série de relatos para O Estado de S. Paulo. (BELO, 2006, p. 30).

O objetivo deste relatório consiste em produzir o livro-reportagem *Páginas da Educação: Priscilla e suas histórias*, que irá expor um pouco da vivência de um dos profissionais da educação, que faz parte da vida da maioria das pessoas: a pedagoga. “Missão nobre, mas árdua, sem dúvida. Ninguém pode dizer que é fácil a vida do professor, seja ele professor, proficiente, preceptor, docente, mestre, pedagogo, diretor”. (ALDÉ, [2017?], p. 1). Priscilla Bibiano de Oliveira Mendonça tem uma trajetória de 14 anos. Formada no Centro Universitário do Sul de Minas, pós-graduada em Design Instrucional pela Universidade Federal de Itajubá, possui também MBA em Gestão Educacional pela Pontifícia Universidade Católica/RS e mestrado em Educação Social pela Universidade Federal de Lavras. Atualmente

é Supervisora Educacional no CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) Mundo Encantado, em Varginha/MG.

O problema de pesquisa central para a realização desse trabalho, foi o de investigar de que forma a docência poderia contribuir para mudar uma realidade? Os relatos de Priscilla no decorrer do livro-reportagem mostram a grande importância que os profissionais da educação têm na vida das pessoas. A observação da singularidade de cada aluno faz com que medidas sejam tomadas para poder mudar, ou melhorar, sua situação. De acordo com cada uma vivência, nota-se que o professor contribui seja em uma orientação, com relação à higiene pessoal, iniciativas que propiciem o toque, o contato com o aluno, a observação da origem de comportamentos, o afeto, etc. A metodologia utilizada foi estudo de caso. “[...] método de pesquisa ampla sobre um assunto específico, permitindo aprofundar o conhecimento sobre ele e, assim, oferecer subsídios para novas investigações sobre a mesma temática.” (FUNDAÇÃO INSTITUTO DE ADMINISTRAÇÃO, 2019, p.1)

Em uma das histórias, quando a profissional trabalhava como educadora social, notou que alguns alunos não acionavam a descarga ao urinar no banheiro. A correção se deu através de uma roda de conversa, com todos, para entender o motivo daquela ação. Para a surpresa ouviu de uma criança que não utilizava a descarga com frequência porque em casa evitavam, com a justificativa de economia na conta de água. A profissional sempre utilizava de uma roda de conversa para orientar e debater com os educandos. Em outro relato, durante um bate-papo, com as crianças de um projeto social, foi descoberto casos de abuso sexual de um senhor, de oitenta e dois anos, que realizava sexo oral em crianças do bairro, as recompensando com balas.

O tema deste trabalho é relevante por tratar de um assunto que nos rodeia: educação. Sua pretensão é trazer contribuições para a sociedade. As histórias narradas no livro-reportagem trazem consigo a grandeza, e a dificuldade, do ato de ensinar e educar um indivíduo. Pessoas direta, ou indiretamente, envolvidas na educação de alguém poderão se identificar com os relatos da pedagoga que transforma vidas, assim como as pessoas. “As pessoas têm a tendência de se interessar prioritariamente por fatos que as atinjam diretamente, ou mais proximidade, ou de maneira mais imediata”. (BONNER, 2005, p. 18).

Para o autor, esse trabalho foi um grande desafio. Utilizar das técnicas jornalísticas que aprendeu ao longo da faculdade foi essencial para a concepção do livro-reportagem. Pôde vivenciar na prática os desafios da produção, apuração e finalização. Contou ainda com a responsabilidade, e sensibilidade, de contar histórias, que mexiam com a entrevistada, mas que eram pertinentes ao momento. Acredita-se que este trabalho possa contribuir de forma efetiva, para que outros surjam, abordando a temática, não só da educação, mas de outras, utilizando-

se do apoio que o livro-reportagem dá, possibilitando contar histórias, fazer jornalismo e deixar um legado para as futuras gerações. “Um exemplo disso é a obra do brasileiro Paulo Freire (1921-1997), *Pedagogia do oprimido* [1970], que exerceu profunda influência na orientação de estratégias de comunicação popular e alcançou difusão mundial”. (MATTELART; MATTELART, 2005, p. 119).

Para tanto, este trabalho foi realizado baseando-se nas etapas de produção de um livro-reportagem como: pesquisa, pauta, roteiro, entrevista, decupagem e edição. Todas essas fases serão descritas no decorrer dos próximos capítulos. O embasamento teórico se deu através de revisão bibliográfica.

Os resultados finais foram os esperados, tendo em vista que a disposição da personagem do livro-reportagem foi essencial para a conclusão deste trabalho, oferecendo suporte antes, durante e após à finalização do produto, o qual pretende-se apresentar ainda em Eventos Científicos e concorrer a premiações jornalísticas do Brasil.

2 O LIVRO-REPORTAGEM

O livro em si tende a contar histórias, ficcionais ou não. A diferença do livro-reportagem para as demais literaturas está justamente neste quesito: contar histórias não ficcionais. Ele segue os preceitos do jornalismo convencional. É necessário ter isenção, imparcialidade e objetividade. Apesar de que alguns autores questionam o discurso empregado neste tipo de obra.

Livro-reportagem é, então, um tipo diferente de jornalismo? Sim e não. A reportagem em livro tem claras diferenças em relação ao modelo praticado hoje pela mídia da imprensa brasileira. Mas, a rigor, é apenas uma reportagem, passível de empregar exatamente o mesmo padrão técnico e de conduta, como se fosse publicada em qualquer outro meio de informação. Em uma definição acadêmica, é possível dizer que livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica – com a exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidade para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção narrativa. (BELO, 2006, p. 41).

Aprendemos, desde a faculdade, que um jornalista tende a ser imparcial, neutro e objetivo. Mas há autores que não acreditam nestes quesitos quando se trata de livro-reportagem. Existe a afirmação de que a subjetividade está cercada em seu discurso, o que pode comprometer esses mandamentos do jornalismo. Em “Livro-reportagem: o discurso do jornalista contaminado por ideologias”, Pereira (2009) esclarece seu ponto de vista sobre a subjetividade declarada nos livros-reportagens. Mesmo sendo uma grande reportagem, a subjetividade de quem escreve acaba interferindo no resultado da obra. “Afinal, nesse discurso – que não deixa de ser jornalístico – o jornalista pode expressar toda sua subjetividade, ou – usando um termo da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD) – sua(s) ideologia(s).” (PEREIRA, 2009, p. 1195). Exemplificando sua tese, a autora utiliza o livro-reportagem Rota 66, onde o autor Caco Barcelos, além de participar da narrativa expõe sua visão sobre os casos que conta. O jornalista coloca seu ponto de vista e toda sua carga subjetiva nos fatos. Ele não apenas conta o drama das vítimas dos policiais, ele se coloca na história, utiliza de diversas adjetivações e, em alguns momentos, se faz personagem da história que conta.

As resistências do jornalista e do cidadão são explicitadas em alguns capítulos do livro – e, nesses momentos, elas se mesclam porque as ideologias também se entrelaçam ao se interiorizarem no indivíduo tomado como sujeito empírico – onde esses dois sujeitos (jornalista e cidadão) se mostram. No capítulo 2, Doutor Barriga, Barcellos conta um episódio de sua infância que envolve a polícia. Ainda menino, no bairro pobre onde morava na periferia de Porto Alegre, testemunhou a “prisão”⁶ e o “espancamento” de muitos amigos e vizinhos, ‘injustiças da polícia que se repetiriam muitas vezes’. ‘Injustiças’ que a partir de 1970 deixaram de ser praticadas pelos

policiais civis e passaram a ser cometidas pelos militares. Mas nessa época, ‘depois de 73, eu já não sofria como antes. Tornei-me testemunha dos sofrimentos dos outros. Já era repórter’. (PEREIRA, 2009, p. 1195)

Barcellos (2003, apud PEREIRA, 2009) faz observações interessantes ao explicar a subjetividade no discurso jornalístico. Cada indivíduo tem uma criação ideológica. Mesmo ele sendo um jornalista, com toda objetividade requerida, há uma construção do sujeito, aquela ele teve ao longo da vida e pode ser estampada, mesmo que de forma não intencional, em seu texto. Em algumas histórias o autor se envolve tanto na construção da narrativa, que acaba querendo construir uma imagem o mais positiva, ou negativa, do personagem. Quando quem escreve tem uma proximidade maior com a fonte da entrevista esse discurso tende a ser o mais positivista possível. “As avaliações de um discurso e as respostas individuais a um enunciado estão longe de ser uniformes. Encontram-se em constante transformação, de acordo com a história e a evolução da subjetividade”. (MATTELART; MATTELART, 2005, p. 147).

Da mesma forma, ao escrever o produto final deste trabalho, mesmo o autor fazendo uso da objetividade e imparcialidade, atributos de um jornalista, acabou de certa forma sendo contaminado pela subjetividade que o habita. A própria seleção realizada da protagonista da história, deu-se pelo fato da profissional ter feito parte de sua educação na adolescência e este sempre ter uma admiração pela educadora, o que o fez conduzir a história de uma forma romântica, dramática e com tons de superação. A aproximação, o fez criar uma imagem “imaculada” da pedagoga no livro, visando refutar citações que possam comprometer a sua imagem. Afinal, “O uso do termo objetividade requer uma explicação. O jornalista deve sempre buscar a objetividade e a imparcialidade em seus textos não-opinativos, mas não é possível acreditar na existência da objetividade pura”. (BELO, 2006, p. 46).

[...] o jornalista e escritor Euclides da Cunha foi à região de Canudos como correspondente do jornal O Estado de S. Paulo. No entanto, enquanto correspondente do jornal, Euclides da Cunha enviava relatos favoráveis ao exército chegando a elogiar a bravura dose combatentes do Primeiro Batalhão da Polícia Paulista. Foi somente no livro que ele assumiu o tom crítico à ação do Governo, baseado em fontes diversas. (PILAGALLO, 2009 apud ROCHA; XAVIER, 2013, p. 143).

O jornalismo é feito de fatos, objetividade sim, mas também é feito de emoção, empatia e respeito. “‘Pôr-se no lugar do outro’, segundo os termos de G.H. Mead, é o que tenta realizar o método da observação participante como forma de obter conhecimento.” (MATTELART; MATTELART, 2005, p. 138). Não à toa muitas funções podem ser mecanizadas, mas a de um jornalista dificilmente será. Uma máquina ainda não é capaz de expressar as observações e detalhes que um ser humano é capaz de fazer.

Entretanto, teóricos da comunicação, por seu lado, sentem falta na interação ser humano-máquina, de uma dialogicidade. Definir essa interação como comunicação significaria dar ao computador a função de um comunicante. É verdade que computadores podem transmitir a seus usuários informações ou até mensagens. Entretanto, qualquer livro também pode fazer o mesmo e está evidente que não é o livro e sim o autor que é o real comunicante. (SANTAELLA; NOTH, 2004, p. 46).

O viés ideológico está estampado nas mais diversas publicações, mesmo que de forma subliminar. Cada ser humano tem uma maneira de ver o mundo. Mesmo sabendo que a profissão lhe exige a objetividade e isenção, por exemplo, a cada palavra escolhida pelo jornalista compor um texto você já não é mais imparcial. Escolher uma palavra em detrimento de outra a fim de suavizar, ou negatizar, uma frase já pode ser um indício da não imparcialidade. Palavras têm poder, apenas uma pode enaltecer ou derrubar a imagem de alguém. Jornalismo, acima de tudo, é feito de escolhas. Algumas assertivas no final, outras não, mas todas de cunho para oferecer uma melhor informação (seja para leitor, telespectador, ouvinte, internauta). Para BELO (2006, p.39) “Há décadas, o *The New York Times* estampa em sua primeira página o *slogan* ‘todas as notícias que merecem ser impressas’. Uma simples frase, que resume com exatidão o princípio de que fazer jornalismo é promover escolhas.”.

O livro-reportagem “bebe da água” do jornalismo literário, afinal, tem-se como característica a descrição e adjetivação dos fatos, algo não tão corriqueiro no jornalismo diário. Essa associação se dá devido a ambos tratarem de uma narrativa mais aprofundada dos fatos. A diferenciação está na maneira em que se constrói a narrativa. No literário se detalham os acontecimentos, as expressões, aumenta-se toda a sua carga dramática, enquanto que no de reportagem temos a inserção de dados, estatísticas, apuração, etc. para comprovar e dar uma carga mais real àquela cena ou informação.

Mota (2011) alerta que ao se fazer um livro deste gênero, não se deixam de lado as técnicas aprendidas no jornalismo tradicional, pois, muitas delas ajudam significativamente nas apurações, entrevistas, fotografias e, principalmente com relação à ética. Cruz (2011) complementa que como este tipo de produção se concentra em apenas um assunto central, é fundamental a qualidade das informações relatadas, por isso a sua produção é tão intensa.

O livro-reportagem atinge, desse modo, um território que mergulha no fato e conta uma história. É daí que emana a sedução e emoção desta obra jornalística, e, ao mesmo tempo, literária. Ampliam-se, não só as páginas escritas, mas também, o contato entre a reportagem, o jornalista e o leitor. A obra jornalístico-literária desmonta a idéia de que não se pode fazer um jornalismo literário, sob a égide da velha discussão, do que é jornalismo e o que é literatura. Não existem barreiras, mas sim, uma apropriação técnica entre ambas. (OLIVEIRA, 2006, p.6)

Para tanto, no livro-reportagem, o que não pode faltar é a apuração. “Quando o jornalista deixa a checagem de lado por considerá-la desnecessária, normalmente se dá mal”. (BELO, 2006, p. 93). Uma cena pode ser bem detalhada, mas sempre terá algo mais para aumentar a veracidade ao que é contado. Ao mesmo tempo em que se pode descrever com mais profundidade os fatos, é preciso um grande cuidado para não faltar com a verdade. O que se faz se diferenciar do literário está no emprego de dados e fatos em sua narrativa, não apenas suas descrições de cunho mais poético. “[...] o livro-reportagem tem sido praticamente o único meio de exercer, no Brasil, o jornalismo literário, gênero em que a experimentação é possível e em que forma e conteúdo gozam de igual importância”. (BELO, 2006, p. 119).

Eis mais um claro pré-requisito do livro-reportagem: exatidão. Aliás, essa é uma necessidade básica de qualquer trabalho jornalístico. Quanto mais precisa e detalhada, melhor a reportagem. É o modo de alcançá-la significa um longo e árduo trabalho de apuração, nos moldes do melhor jornalismo: muita atenção para com os detalhes e inteligência para interpretar dados e interligar fatos. (BELO, 2006, p. 45).

Sua produção demanda dos mesmos cuidados de uma reportagem: fontes, apuração, comprovação de fatos. A escolha de um assunto para escrever pode ser através de critérios de noticiabilidade e valores-notícia, tão corriqueiros nas decisões das redações jornalísticas.

A pauta do livro-reportagem não pode ser “perecível”, tem que ser um assunto que renderá. Normalmente são assuntos que já vieram a público, mas que necessitavam de uma apuração maior, trazer mais detalhes, um outro lado desconhecido da história. Foi assim, por exemplo, com “Rota 66”, do Caco Barcellos, e “Holocausto Brasileiro”, da Daniela Arbex.

Para ganhar status de livro – ou o livro ganhar status de reportagem – são necessárias algumas condições, como o caráter não perecível ou pelo menos de maior durabilidade do assunto. Por não ser tão imediatista quanto a cobertura midiática, o livro-reportagem normalmente abre espaço para abordagens diferentes, originais, criativas, menos urgentes e mais profundas. (BELO, 2006, p. 42).

O ponto de partida de um livro-reportagem, assim como no jornalismo diário, está na escolha do tema. É necessário estar sempre atento ao que está acontecendo ao seu redor. Assuntos que despertam grande interesse público, normalmente, pode serem alvos. “Jornalismo é observação da realidade, apuração da verdade e, como tal, não deve se curvar a conceitos pré-estabelecidos de nenhuma espécie”. (BELO, 2006, p. 81). Além do mais é imprescindível a elaboração de uma pauta para se ter um norte.

Um bom planejamento começa com uma pesquisa preliminar que assegure um conhecimento mínimo, porém sólido, do assunto. Essa pesquisa irá tornar-se, depois,

mais extensa e acurada para sustentar a apuração do tema e a montagem do texto. O domínio inicial sobre a pauta ajuda a estabelecer os rumos da reportagem. (BELO, 2006, p. 79).

A apuração se faz presente, e muita, em sua elaboração. Utilizar-se de pesquisas em documentos, fontes, sites, etc, nunca é demais para não comprometer seu trabalho. “[...] nenhum repórter pode prescindir da intimidade com o computador e de apoiar-se em ferramentas da informática para levantar e cotejar informações”. (BELO, 2006, p. 100).

Um cuidado que deve ser tomado em todo o processo. “Na construção do livro-reportagem a fase da apuração está presente em todo o processo de produção, até o momento da edição do suporte ela é fundamental”. (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 148). Por ter um volume grande de conteúdo final, é necessário subsídio para respaldar tudo que ali está escrito. Essa etapa é de extrema importância para que não haja problemas, ou dúvidas no seu texto final. “Quando em 1985 Truman Capote denominou seu *A sangue frio* de ‘romance de não-ficção acabou sem querer estabelecendo uma distinção importante. Nem toda não-ficção é jornalismo, mas todo o jornalismo tem de ser, por princípio não-ficcional”. (BELO, 2006, p. 43). O livro-reportagem contribui para este princípio, para a produção:

Daquele jornalismo que interpreta, que investiga, que acorda os olhos para uma nova realidade, para um diferente ângulo de visão. Enfim um jornalismo ciente de sua história, de seu valor e de seu compromisso em formar cidadãos críticos e responsáveis. Afinal é amalhando experiências passadas que se compreende melhor o presente e se projeta o futuro. (MORAIS, 1995, p. 13).

O momento da entrevista com as fontes é um dos mais cruciais no desenvolver de seu livro. Após todo o processo de pesquisa e apuração, eis que é chegada a hora de confrontar com seu entrevistado todo conteúdo que você obteve no período que antecedeu a marcação. “A ida a campo faz parte do processo de produção do livro-reportagem, é difícil imaginar sua inexistência na concretização desse suporte”. (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 151-152).

O repórter tem de ter o mínimo de conhecimento possível para poder conversar com seu entrevistado. É preciso de preparo para que o jornalista não se contenha com respostas simples sem contextualização. “É muito mais vergonhoso não saber o que perguntar durante uma entrevista por falta de preparo que consultar anotações diante do entrevistado”. (BELO, 2006, p. 103).

Acima de tudo uma entrevista tem que ser respeitosa, mesmo com o tema mais espinhoso. O jornalista nunca deve esquecer que, por ser um livro-reportagem, poderá necessitar voltar a conversar com a fonte diversas vezes até a conclusão do seu texto para apurar melhor.

Perguntas não devem ser restritivas demais, que só admitam ‘sim’ ou ‘não’ como resposta, nem tão amplas que se percam na verborragia e confundam o entrevistado. Saber a hora de mudar de assunto ou de introduzir uma pergunta mais contundente faz toda a diferença no resultado final. (BELO, 2006, p. 104).

Em uma entrevista existem diversos meios de registrar o diálogo, seja através de anotações, aparelhos ou gravadores. Em uma era onde a tecnologia aumenta sua presença nos mais diversos campos, o jornalista precisa saber lidar com ela.

Alguns profissionais são contra o uso de gravadores por acreditarem deixar a entrevista engessada, mas confiar apenas na memória é algo perigoso. A mente “prega peças”. Confiar nela para lembrar de todo conteúdo de uma entrevista pode levá-lo ao fracasso. “É difícil tomar anotações e manter, simultaneamente, um ritmo de conversa agradável e fluido. Sobretudo em entrevistas longas”. (BELO, 2006, p. 109).

Truman Capote teve sua obra “A Sangue Frio” contestada posteriormente por conter narrativas que, segundo as fontes, não condiziam com os seus relatos originais. Capote acabou afirmando que não ter anotado, confiado apenas na memória ao escrever e, tomando certas liberdades poéticas, pode ter sido um grande erro.

Jamais deve confiar apenas na memória. Convém checar as anotações, usar ferramentas de internet para fazer buscas e pesquisas, consultar outras fontes vivas ou escritas e desconfiar de tudo, mesmo que tudo pareça ter muita lógica. Fazer as mesmas perguntas a pessoas diferentes, confrontar as respostas, esclarecer dúvidas. Procurar de novo as mesmas fontes, depois de apurar algo diferente, para esclarecer pendências. (CAPOTE, 2003 apud BELO, 2006, p. 92).

Alguns pontos são essenciais em uma entrevista, como respeitar e deixar o entrevistado o mais à vontade possível. “Respeito e humildade são dois atributos sem contra-indicações”. (BELO, 2006, p. 106). Caso necessário realizar a entrevista em um ambiente onde ele se sinta mais confortável, isso gera confiança e simpatia. Lugares assim facilitam o diálogo para que a fonte não se sinta encurralada. Evitar o tom inquisitório pode ser, também, uma ajuda para um diálogo fluido. O jornalista não necessita de grosserias ou colocar a pessoa contra a parede para conseguir uma informação relevante para seu texto. “O jornalista, para ser firme, prescinde disso. Não precisa ser grosseiro”. Não é necessário polemizar com o entrevistado nem bajulá-lo. É possível ser incisivo e até crítico sem agressividade e polido de adulação”. (BELO, 2006, p. 106). Caso uma resposta não fique clara o bastante, nunca tenha medo de retomá-la, para que possa compreender. “Ter vergonha de pedir uma explicação mais detalhada ou de questionar algo que não tenha ficado claro, mesmo que a pergunta pareça banal, é passo largo para o desastre. A vergonha é inimiga do jornalista”. (BELO, 2006, p. 109).

O jornalista tem que estar atendo a tudo, pois gestos, atos, movimentações, cenas ambientes também informam, mesmo a ausência é informação. A observação do jornalista deve ser traduzida em dados na construção do texto, não de forma exaustiva e descritiva, mas agregando conteúdo ao tema reportado. (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 151).

Depois de tudo coletado é chegada a hora de escrever o texto. Momento de organizar tudo o que foi coletado ao longo de todo o processo. Não há um tempo definido para a realização de seu texto. Algumas editoras estipulam um prazo para seus autores. O que o escritor precisa ficar atento é que por mais rápido que ele queira finalizar o seu texto, tem que tomar um grande cuidado para não colocar a história fora de contexto. Mesmo em uma citação indireta, é necessária clareza, para que a fala não seja deturpada. Um livro-reportagem tem acima de tudo um compromisso com o jornalismo e com a verdade.

Algumas características mínimas para dizer que é um livro também precisam ser respeitadas, de acordo com a forma e conteúdo que são solicitadas, por exemplo, é preciso cuidar da linguagem, a qual no livro é diferente do como se escreve para televisão ou jornal, uma obra no Brasil, precisa ter ao menos 48 páginas (BELO, 2006, p. 42).

3 DESCRIÇÃO DO PRODUTO FINAL

O livro-reportagem relata a vida da pedagoga Priscilla Bibiano de Oliveira Mendonça, supervisora educacional no CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) Mundo Encantado, em Varginha/MG. Uma profissional, varginhense, que vê na educação uma forma de formar e transformar a vida das pessoas. Divido em seis capítulos, as histórias contadas pela pedagoga se mesclam com notícias, dados e estatísticas, com o intuito de uma melhor contextualização de sua fala. Outro recurso utilizado ao longo da narrativa foi a inserção de trechos de reportagens, que complementavam o raciocínio ali expressado.

No primeiro capítulo, *O despertar para profissão*, foi abordado o estímulo à futura carreira de professora, o que a motivou a seguir na área e suas inspirações iniciais. As dúvidas comuns como em muitos: “o que quero ser quando crescer”. Esse foi o combustível para dar a partida na história. No segundo capítulo, *Depressão e o florescer para novos caminhos*, a pedagoga relata suas frustrações iniciais ao tentar colocar em prática o que foi aprendido na faculdade, porém, sua metodologia não foi bem aceita na escola onde lecionava, o que a fez posteriormente entrar em depressão. Sendo a primeira experiência profissional após se formar, o primeiro ano como pedagoga a desanimou um pouco, mas não a desmotivou completamente, o que a fez buscar outros caminhos. Neste capítulo a entrevistada vai às lágrimas ao relembrar o fechamento do Projeto Florescer, do qual ela fez parte.

Dependendo do tema, o entrevistado pode emocionar-se. Nesses casos, só a sensibilidade dirá se é melhor mudar de assunto, caso o diálogo trave, deixa-lo exprimir seus sentimentos, permitir que reflita em silêncio – e se usar isso como forma de pressão por mais informações – ou até mesmo encerrar a entrevista para ser retomada em momento mais oportuno. (BELO, 2006, p. 111).

No terceiro capítulo, *O caminhar pela estrada chamada realidade*, discorre sobre o trabalho que Priscilla realizou no Projeto Florescer, como educadora social e a grande dificuldade em não se envolver com as histórias de cada educando. Neste trabalho ela consegue colocar em prática suas metodologias, que no começo, em uma escola pública, não foram aceitas. Além dos próprios dilemas enfrentados em seu âmbito familiar. No quarto capítulo, *Quando a violência bate na porta da escola*, é tratado sobre esse tema que está cada vez mais corriqueiro atualmente. Priscilla também já foi alvo de violência, assim como outros profissionais da educação. Já houve até a solicitação de apoio da Polícia Militar para conter um aluno agressivo. No quinto capítulo, *Um coração que para de pulsar, e uma nova vida que chega para alegrar*, a triste história da perda de uma educanda da pedagoga, que foi encontrada

morta em um cafezal em Varginha-MG, com requintes de crueldade. Um assunto delicado de se tratar, mas que foi necessário mencioná-lo, por fazer parte de sua vida. “Existem questões delicadas e muitas vezes pertinentes. Não mencioná-las em uma entrevista a pretexto de não causar constrangimento representa uma heresia jornalística. A maneira de fazê-lo é o xis da questão”. (BELO, 2006, p. 105). O envolvimento emocional com essa ex-aluna era tamanho, que Priscilla é madrinha de sua filha. No sexto e último capítulo, *Professor: Das barreiras enfrentadas à motivação para continuar*, são abordadas as adversidades da vida de um professor, as pressões vividas. Também discorre sobre como conciliar a vida dentro de sala de aula, como a de mãe, esposa e mulher. Também é citado, como o título do capítulo diz: as motivações para continuar.

A produção deste livro-reportagem veio como forma, também, de valorização dos profissionais da área de educação. As histórias expostas em cada capítulo fazem parte não só de Priscilla, mas de vários outros profissionais da educação, que podem partilhar da mesma realidade.

4 PRÉ-PRODUÇÃO

Quando o autor deste trabalho teve a ideia de escrever um livro-reportagem sobre algo relacionado à educação, o mesmo buscou contatos de professores, alguns de quem já foi aluno, outros não, solicitando a contribuição para a criação de um livro-reportagem voltado para a área da educação. A abordagem das fontes foi realizada através de rede social (*Facebook*) e aplicativo de mensagem (*Whatsapp*). O tema do referido trabalho foi informado, a fim de que as fontes soubessem do conteúdo que seria trabalhado. As negociações foram tratadas na mais absoluta transparência possível, parâmetro essencial de um bom jornalismo.

Até por respeito aos entrevistados e à importância deles para o exercício de sua profissão, o jornalista consciente precisa seguir algumas normas básicas de comportamento: sempre que possível, pedir entrevista com antecedência, identificar-se de forma correta, expor com clareza o tema de sua reportagem e nunca usar de subterfúgios ou informações falsas para se aproximar da fonte e obter dela informações diferentes das declaradas inicialmente. (BELO, 2006, p. 107).

Como em todo trabalho jornalístico o empenho da pré-produção, com antecedência, foi fundamental para conseguir cumprir as etapas subsequentes deste trabalho. Definiu-se então que a entrevistada/personagem do livro seria a pedagoga Priscilla Bibiano de Oliveira, após o seu aceite em participar do projeto. A profissional foi educadora social na adolescência do autor deste trabalho, o que facilitou as negociações.

4.1 Pesquisa e roteiro

Foi necessário a pesquisa da vida acadêmica da personagem. O autor solicitou para a entrevistada seu currículo. Também houve a busca por assuntos que pudessem contribuir de maneira efetiva na entrevista. Temas considerados essenciais foram pesquisados, como por exemplo: Paulo Freire (pelo fato da entrevistada ser uma grande admiradora de seu trabalho), violência nas escolas, greve dos professores, Projeto Escola Sem Partido, etc. “No livro-reportagem, a apuração costuma tomar mais tempo que a elaboração”. (BELO, 2006, p. 64).

Um bom planejamento começa com uma pesquisa preliminar que assegure um conhecimento mínimo, porém sólido, do assunto. Essa pesquisa irá tornar-se, depois, mais extensa e acurada para sustentar a apuração do tema e a montagem do texto. O domínio inicial sobre a pauta ajuda a estabelecer os rumos da reportagem. (BELO, 2006, p. 79).

Uma pesquisa prévia possibilitou a elaboração de uma pauta/roteiro, para dar andamento ao processo de produção do livro-reportagem. “Elaborar um roteiro de entrevista e até pôr no papel as principais perguntas ajuda bastante e é prática recomendada por profissionais renomados [...]”. (BELO, 2006, p. 103). Através dela foi possível criar um roteiro de perguntas pré-estabelecidas com uma cronologia, a fim de facilitar a finalização do produto (Apêndice A). Após a pesquisa e o autor estar abastecido com um conteúdo variado foi agendada a entrevista.

Antes de marcar a entrevista o autor já tinha uma ideia inicial de como seria a divisão dos capítulos, devida a pesquisa da vida da pedagoga e, também, dos assuntos considerados importantes para serem tratados no momento da entrevista. Foi definido também que o encontro seria *in loco*, para um melhor aproveitamento, com a aprovação da professora. “É importante levar em consideração que a fonte tem direito a escolher a maneira que quer – e se quer – dar entrevista. Se ela prefere falar ao vivo ou por telefone, deve ser respeitada”, (BELO, 2006, p. 101), pois:

A rigor, entrevista significa um diálogo olho no olho, feito entre as vistas dos interlocutores. Com desenvolvimento da comunicação a distância, o vocábulo perdeu parte de sua acepção original. Hoje ‘entrevistas’ são feiras sem esse contato face a face, pelo telefone, por rádio e até por e-mail e fax. (BELO, 2006, p. 101).

Após a confirmação da entrevista foi então negociado o local e horário onde a mesma ocorreria. O ambiente escolhido foi o local de trabalho da personagem. “As pessoas se sentem mais à vontade se estão em seus domínios – em casa ou no escritório”. (BELO, 2006, p. 110).

4.2 Equipe

O autor Maicon Adão foi responsável por todo o processo de produção, como: pesquisa, pauta, roteiro e edição. O processo foi acompanhado pela orientadora Profa. Ma. Gisele Cristina Nishiyama.

5 PRODUÇÃO

O processo de produção do livro-reportagem se iniciou com a definição do assunto a ser abordado: educação. Em seguida foram feitas pesquisas de assuntos relacionados à área e que pudessem contribuir de maneira substancial no projeto. A pesquisa foi feita com o auxílio da internet, além de fontes. “[...] nenhum repórter pode prescindir da intimidade com o computador e de apoiar-se em ferramentas da informática para levantar e coletar informações.” (BELO, 2006, p. 100).

Foram escolhidos equipamentos para a gravação de áudio e captação de imagem, locação para ser realizada a entrevista, horários que fossem de acordo com a disponibilidade do entrevistador e da entrevistada. Foi pensada uma logística que atendesse as necessidades de ambos. “A ida a campo faz parte do processo de produção do livro-reportagem, é difícil imaginar sua inexistência na concretização desse suporte”. (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 151-152).

Além disso, a pesquisa e a checagem das informações aconteceram em todo o processo de sua criação.

O processo de produção do livro-reportagem se distingue assim dos demais, porque além da disciplina da verificação e investigação ser necessária em todas as etapas, a fase de apuração também se estende até a versão final. Os procedimentos do processo de produção dialogam durante todo o trabalho. (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 149).

A produção do livro proporcionou momentos prazerosos e angustiantes. Ao mesmo tempo em que as ideias ganham estrutura, encontram-se problemas e dificuldades em conciliar compromissos diários do trabalho, faculdade, vida pessoal e obrigações cotidianas, além da concentração necessária que nos exige ficar um pouco distante das tecnologias para ter rotina e disciplina, além de uma vigilância constante para evitar os erros de português.

5.1 Equipamentos

Figura 01 – Gravador *ic record* da Sony modelo ICDPX440



Fonte: O autor (2019)

Figura 02 – Câmera Canon *dslr t5i* com lente 18 55mm



Fonte: O autor (2019)

Figura 03 – Aplicativo de celular “Gravador de Som”



Fonte: O autor (2019)

5.2 Locações

Não foi necessário uso de recursos para locações, visto que os equipamentos utilizados foram emprestados pela faculdade cursada pelo autor deste trabalho, bem como a entrevista foi conduzida no ambiente de trabalho da pedagoga.

O local em que houve a gravação da entrevista com Priscilla Bibiano de Oliveira é conhecido por Mundo Encantado - CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil), localizado no bairro Padre Victor em Varginha-MG. “A maneira mais fácil de ganhar a simpatia e a confiança da fonte é deixá-la à vontade”. (BELO, 2006, p. 110). Desta forma, escolheu-se o seu local de trabalho pela facilidade de agendamento e também pelo fato da personagem poder ficar mais à vontade. Lá ela trabalha com educação infantil, do berçário aos cinco anos. Seguem alguns registros da visita realizada.

Figura 04 - Mundo Encantado - CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil)



Fonte: O autor (2019)

Figura 05 – Priscilla Bibiano de Oliveira Mendonça



Fonte: O autor (2018)

Figura 06 – Priscilla Bibiano de Oliveira Mendonça e funcionária



Fonte: O autor (2018)

Figura 07 – Priscilla Bibiano na CEMEI



Fonte: O autor (2018)

5.3 Entrevista

Após o autor deste trabalho estar munido de um conteúdo variado, graças ao trabalho de pesquisa, realizou-se a entrevista. Marcada previamente, ela aconteceu no CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) Mundo Encantado, local onde a entrevistada, Priscilla Bibiano de Oliveira, atua como supervisora educacional. Para tanto, um roteiro com perguntas foi elaborado, levando-se em conta a possível divisão de capítulos do livro-reportagem, também as peculiaridades e características da entrevistada (Apêndice A). “Elaborar um roteiro de entrevista e até pôr no papel as principais perguntas ajuda bastante e é prática recomendada por profissionais renomados [...]”. (BELO, 2006, p. 103).

Para a realização da entrevista levou-se as perguntas impressas, um caderno para anotações, celular com aplicativo de gravação, gravador de áudio e uma câmera fotográfica. Com tudo preparado, deu-se início à entrevista. O entrevistador sempre teve o apoio do roteiro

para seguir a entrevista, mas não se prendeu a ele. “É muito mais vergonhoso não saber o que perguntar durante uma entrevista por falta de preparo que consultar anotações diante do entrevistado”. (BELO, 2006, p. 103). Na medida em que as histórias eram contadas, ao perceber “um gancho”, uma nova questão era formulada.

Perguntas não devem ser restritivas demais, que só admitam ‘sim’ ou ‘não’ como resposta, nem tão amplas que se percam na verborragia e confundam o entrevistado. Saber a hora de mudar de assunto ou de introduzir uma pergunta mais contundente faz toda a diferença no resultado final. (BELO, 2006, p. 104).

Temas mais espinhosos também foram tratados, mas sempre com responsabilidade. Em um trecho a entrevistada chegou a ir às lágrimas, ao lembrar do fechamento de um projeto da qual fez parte. Outro momento delicado foi a menção à morte de uma ex-educanda que foi assassinada com requintes de crueldade, o caso inclusive foi tratado pela mídia em Varginha-MG. “Existem questões delicadas e muitas vezes pertinentes. Não mencioná-las em uma entrevista a pretexto de não causar constrangimento representa uma heresia jornalística. A maneira de fazê-lo é o xis da questão”. (BELO, 2006, p. 105). Assim,

Entrevistar não consiste simplesmente em fazer perguntas e registrar respostas. Requer delicadeza e habilidade, conhecimento do tema em questão, técnica para obter informações sem truncar a conversa ou provocar constrangimentos. É uma dose de intuição. (BELO, 2006, p. 104).

É importante ressaltar que, mesmo utilizando-se desses equipamentos, algumas anotações foram feitas, para que pudessem ajudar posteriormente, mas nunca se valendo-se apenas delas.

Há autores experientes que consideram a gravação das conversas um empecilho à boa reportagem. Acreditam que ela tolhe a espontaneidade da fonte. Argumentam que a presença de um microfone ou gravador pode inibir o entrevistado. Principalmente quem não está acostumado a conceder entrevistas. É discutível. (BELO, 2006, p. 107).

A única entrevistada do livro foi a pedagoga Priscilla Bibiano de Oliveira. Porém, por se tratar de um livro-reportagem as fontes vão além dos entrevistados de forma presencial. Ao todo foram 2h33min de entrevista. O autor retornou no dia seguinte para fazer as fotos da entrevistada.

Figura 08 – Priscilla Bibiano de Oliveira Mendonça e Maicon Adão



Fonte: Autor desconhecido (2018)

6 PÓS-PRODUÇÃO

O processo de pós-produção do livro-reportagem ocorreu com a junção de todo material coletado para poder dar andamento na finalização do livro. Foram utilizados, além da entrevista com a pedagoga, trechos de reportagens, dados e estatísticas que colaboraram para uma melhor contextualização da fala da entrevistada.

A boa entrevista é aquela que se transforma em um diálogo fluente, em que as perguntas pré-programadas vão levando a outras, que surgem na hora, na medida em que novas informações são reveladas [...]. (BELO, 2006, p. 105).

O livro-reportagem foi inteiramente escrito no *Word*, utilizando-se fonte *Times New Roman*, tamanho 11. O tamanho da página utilizado para sua concepção foi A5. A cada capítulo finalizado o autor enviava para sua orientadora, Profa. Ma. Gisele Cristina Nishiyama, a fim de fazer necessários apontamentos e correções. Após todo o livro estar finalizado, foi enviado para outra professora, Vanessa Magalhães, para que fazer a revisão textual. Posteriormente, antes do autor começar a diagramar o livro-reportagem, a orientadora Profa. Ma. Gisele Cristina Nishiyama, fez a revisão final, realizando necessários ajustes. Com todo conteúdo finalizado e revisado, deu-se início à diagramação final do livro-reportagem, através do uso do programa *InDesign*.

6.1 Decupagem

Após a entrevista, o autor ouviu todo o material que foi gravado, com duração de 2h33min, para já pré-selecionar o que seria utilizado no livro-reportagem. Todo o conteúdo foi transcrito no *Word*, contendo as perguntas do entrevistador e as respostas da entrevistada. Na medida em que a decupagem caminhava, foi possível fazer a separação dos capítulos, de acordo com os relatos ali descritos. O autor teve o cuidado ainda de quando a entrevistada mencionava temas delicados ou que mereciam um aprofundamento maior, como abuso infantil de deixar o trecho sinalizado, com alguma observação, para que pudesse fazer uma outra pesquisa futura no momento em que fosse escrever o texto final do livro. Foram anotados também quaisquer outros aspectos, como emoções, por exemplo, que pudessem contribuir com a narrativa.

O jornalista tem que estar atento a tudo, pois gestos, atos, movimentações, cenas ambientes também informam, mesmo a ausência é informação. A observação do jornalista deve ser traduzida em dados na construção do texto, não de forma exaustiva e descritiva, mas agregando conteúdo ao tema reportado. (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 151).

A decupagem foi uma etapa trabalhosa, pois o autor ouvia os trechos mais de uma vez para que pudesse transcrever as falas da entrevistada com a maior exatidão. “[...] o repórter não precisa reproduzir textualmente o que foi dito por seus entrevistados, mas tem a obrigação de ser fiel ao sentido do que foi falado e a seu contexto”. (BELO, 2006, p. 107). O processo foi de suma importância para a organização e definição dos capítulos.

6.2 Edição

Com a decupagem finalizada foi dado início à edição do livro-reportagem. Com um pré-recorte dos capítulos feito no momento em que as falas da entrevistada eram descritas, facilitou-se o processo de edição. A entrevistada teve um papel fundamental nessa etapa. Em alguns momentos ao surgir alguma dúvida sobre o que ela disse, a mesma era consultada, a fim de que não houvesse nenhum comprometimento no sentido de sua fala. “Ter vergonha de pedir uma explicação mais detalhada ou de questionar algo que não tenha ficado claro, mesmo que a pergunta pareça banal, é passo largo para o desastre. A vergonha é inimiga do jornalista”. (BELO, 2006, p. 109).

A pesquisa também faz parte do processo de edição. A entrevistada trouxe histórias que mereciam uma melhor contextualização e até checagem para comprovar sua veracidade. Em um dos relatos do livro a pedagoga menciona um caso de abuso infantil que lhe foi relatado. O autor, como já havia sinalizado esse trecho na decupagem, fez uma pesquisa para buscar dados sobre o índice de abuso infantil no Brasil. Tal informação, acredita-se, reforçou a denúncia feita pela pedagoga. “Na construção do livro-reportagem a fase da apuração está presente em todo o processo de produção, até o momento da edição do suporte ela é fundamental”. (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 148).

Jamais deve confiar apenas na memória. Convém checar as anotações, usar ferramentas de internet para fazer buscas e pesquisas, consultar outras fontes vivas ou escritas e desconfiar de tudo, mesmo que tudo pareça ter muita lógica. Fazer as mesmas perguntas a pessoas diferentes, confrontar as respostas, esclarecer dúvidas. Procurar de novo as mesmas fontes, depois de apurar algo diferente, para esclarecer pendências. (BELO, 2006, p. 92).

O autor deste trabalho, mesmo primando pela objetividade e imparcialidade, atributos de um jornalista, acabou em determinados momentos percebendo subjetividade. O fato da profissional ter feito parte de sua educação na adolescência e de sempre ter tido uma admiração pela educadora, o fez conduzir a história com aproximação à realidade, mas ao mesmo tempo de uma forma emocional e preocupado com alguma citação que pudesse comprometer a imagem da entrevistada. Da mesma forma, o jornalista e escritor Euclides da Cunha parece cometer esta ação:

[...] o jornalista e escritor Euclides da Cunha foi à região de Canudos como correspondente do jornal O Estado de S. Paulo. No entanto, enquanto correspondente do jornal, Euclides da Cunha enviava relatos favoráveis ao exército chegando a elogiar a bravura dos combatentes do Primeiro Batalhão da Polícia Paulista. Foi somente no livro que ele assumiu o tom crítico à ação do Governo, baseado em fontes diversas. (PILAGALLO, 2009 apud ROCHA; XAVIER, 2013, p. 143).

De qualquer modo, o livro visou ser escrito utilizando-se dos preceitos do jornalismo. As técnicas de entrevista, pesquisa e reportagem foram utilizadas por se tratar de uma grande reportagem em livro, como diz alguns autores. A leitura de reportagens, livro-reportagens, artigos do meio, ajudaram a dar suporte na concepção. “Não existem receitas de como escrever uma reportagem. Ou melhor, até existem, mas servem apenas como alternativas no meio de uma gama imensa de possibilidades. Cada história é única e cada narrador tem suas peculiaridades”. (BELO, 2006, p. 120).

A cada capítulo finalizado o autor enviava o arquivo para sua orientadora, a fim de fazer observações e correções. Após todos os capítulos finalizados o livro-reportagem foi enviado para revisão, o que ficou a cargo da professora Vanessa Magalhães. Posteriormente, antes do autor começar a diagramar o livro-reportagem, a orientadora Profa. Ma. Gisele Cristina Nishiyama, fez a revisão final, realizando necessários ajustes. O livro-reportagem foi inteiramente escrito no *Word*, utilizando-se fonte *Times New Roman*, tamanho 11.

6.3 Finalização

A finalização do livro-reportagem deu-se através do programa *InDesign*. O autor deste trabalho realizou a diagramação. Foram inseridas fotografias da entrevistada para ilustrar a história, algumas produzidas pelo próprio autor e outras do arquivo pessoal da entrevistada. Foram utilizadas ainda outras imagens pesquisadas na internet, que colaboram com a narrativa. O livro foi confeccionado no formato A5, utilizando fonte *Times New Roman*, tamanho 11.

Após o livro estar finalizado, foi exportado no formato PDF, para que pudesse ser impresso em alguma gráfica.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo necessita de uma velocidade da informação, com notícias atraentes e visando superar a concorrência. Assim, o que se observa, é que há por vezes uma priorização comercial, o que pode dificultar o olhar mais humano e uma visão do fato sob diversos ângulos. A própria rotina de produção pode limitar a compreensão de acontecimentos sociais importantes tanto para a vida dos envolvidos quanto como exemplos para outras pessoas.

As reportagens, por vezes, passam apenas pelo *lead*, de forma a responder às seis perguntas básicas da profissão: o quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? Assim, a produção de um livro-reportagem foi um desafio muito gratificante para o autor deste trabalho. Este formato permite contar histórias de vida, trouxe autonomia. Através dele foi possível escolher a abordagem, tornar o livro um espaço entre leitor e mundo.

Um grande desafio a um aspirante à jornalista que com este trabalho teve a oportunidade de contar histórias, estas que em alguns casos são colocadas de lado pelo jornalismo cada vez mais *Hard News*. Desta forma, a busca pela objetividade, com a ânsia de informar o leitor/telespectador de maneira rápida tem ceifado boas histórias, que merecem serem contadas, mas que, em alguns casos, não são destacadas. É com essa observação que se faz presente a importância da do livro-reportagem: aprofundar histórias. O jornalismo é sim feito de factual, mas é necessário ir além do fato.

Um dos questionamentos iniciais para a realização desse trabalho, era de que forma a docência poderia contribuir para mudar uma realidade. Os relatos de Priscilla demonstram o poder transformador através da educação, seja na orientação de higiene pessoal, estímulo ao contato do aluno ou no afeto necessário ao desenvolvimento do aluno. Segundo ela, o diálogo e reciprocidade são a chave para a formação de cada indivíduo.

Assim, o autor conseguiu o seu intento de escrever um livro-reportagem. Para tanto, o autor utilizou-se das técnicas jornalísticas que aprendeu ao longo da faculdade. Também pôde vivenciar na prática os desafios da produção, apuração e finalização de um conteúdo que versava sobre fatos, ao mesmo tempo em que exigia responsabilidade e sensibilidade. O presente trabalho alcançou os objetivos esperados pelo autor. O resultado é consequência de quatro anos de estudos no jornalismo, um fechamento de um ciclo e início de outro. Uma nova página que pode se iniciar após a faculdade, com a inserção de novas memórias, personagens e adequações a lacunas que poderão vir.

REFERÊNCIAS

- ALDÉ, Lorenzo. **Profissão professor**. [2017?]. Disponível em <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0033.html>> Acesso em: 19 de novembro de 2017.
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006. 146p
- BONNER, William. **Jornal Nacional – Modo de Fazer**. Rio de Janeiro: Globo, 2009. 248p.
- CRUZ, Djanira Introvini da. Livro-reportagem: rejuvenescimento a partir de um novo modelo de informação. In: **INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO - XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. Recife: 2011.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO DE ADMINISTRAÇÃO. **Estudos de Caso: o que são, exemplos e como criar cases**, 2019. Disponível em <<https://fia.com.br/blog/estudos-de-caso/>> Acesso em: 20 de outubro de 2019.
- MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. **História das teorias da comunicação**. Tradução Luiz Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005. 227p
- MORAIS, Gabriela Weber de. **Livro-reportagem: amalhando experiências para contar uma história**. UFSM (Universidade Federal de Santa Maria). 1995.
- MOTA, Célia. Livro-reportagem é informação com arte. In: MOTA, Célia. **Prisioneiros do silêncio: Livro-reportagem sobre a comunicação**. Cuiabá: UNIC (Universidade de Cuiabá), 2011. 10 – 14.
- OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. Jornalismo Literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB**. Brasília: 2006.
- PEREIRA, Ariane Carla. Livro-reportagem: o discurso jornalístico “contaminado” por ideologias. In: **CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS**. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 1195-1200.
- ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. **Revista Rumores**, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 138-157, jul./dez. 2013
- RODRIGUES, Felipe Aparecido. **Livro-reportagem: uma abordagem sobre a cobertura da violência no Brasil**. 2010. 97f. Dissertação (Mestrado) – Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), São Paulo, 2010.
- SANTAELLA, Lúcia; NOTH, Winfried. **Comunicação e semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004. 248p

ZIBORDI, Marcos. Livro-reportagem Rota 66: pioneirismo, metodologia e narrativa. **Líbero**, São Paulo, v. 19, n. 38, p. 121-130, jul./dez. 2016.

APÊNDICE

Apêndice A - Perguntas formuladas para entrevistada

Priscilla Bibiano de Oliveira – supervisora educacional no CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) Luiz de Melo Viana Sobrinho

1 – Conte um pouco da sua história. Qual sua formação? Quanto tempo trabalha na área? Por que escolheu ser professora?

2- Você já trabalhou muitos anos como educadora em projetos sociais. Fale um pouco desta experiência e destacando histórias interessantes sobre sua passagem.

3- Atualmente você é supervisora educacional no CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) Luiz de Melo Viana Sobrinho. O que te fez mudar?

4- Você também professora da Unincor. Como está sendo esta experiência? Tem histórias curiosas para contar?

5- Que diferenças você está notando da rede particular com a rede pública?

6- Quais as dificuldades que você já encontrou, ou encontra, sendo professora? Quais os desafios do ensino? (pode contar histórias, sem problema com tempo, até para o livro ter bastante conteúdo)

7- Qual sua relação com seus alunos? Você procura tentar entender e compreender cada um deles para que possa ensinar de acordo com as necessidades de cada um?

8- Como lidar com a violência que acaba entrando nas escolas?

9- Você já perdeu uma ex-educanda. Gisele Aparecida de Carlos foi encontrada morta em um cafezal no Bairro Padre Victor em 12/10/2015. O caso foi até noticiado na TV. Como você conheceu ela, tem histórias sobre para compartilhar? Como ela era e como você recebeu a notícia do seu falecimento?

10- Como tentar proteger os alunos contra a violência?

11- Nos EUA, após um ex-aluno cometer um massacre em uma escola, onde 17 pessoas morreram, o presidente Trump, após o ocorrido, sugere professores armados para evitar massacres. Como você recebeu essa notícia?

12- Uma pesquisa global da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) com mais de 100 mil professores e diretores de escola do segundo ciclo do ensino fundamental e do ensino médio (alunos de 11 a 16 anos) põe o Brasil no topo de um *ranking* de violência em escolas. O levantamento é o mais importante do tipo e considera dados de 2013. Na enquete da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), 12,5% dos professores ouvidos no Brasil disseram ser vítimas de agressões verbais ou de intimidação de alunos pelo menos uma vez por semana. Outra questão é que, por medo de represália ou desânimo com a burocracia, nem todos os agredidos acionam a Polícia Militar para fazer boletim de ocorrência. Você já sofreu algum tipo de agressão ou conhece alguém que já?

13- Paulo Freire, um dos nomes mais conhecidos da pedagogia, tinha uma preocupação muito grande na educação para com os pobres por acreditar que existia uma diferenciação de educação entre classes sociais. Primeiro gostaria que falasse um pouco da sua relação com os pensamentos de Paulo Freire e se você acha que hoje em dia ainda existe uma barreira educacional que divide as classes?

14- Existe alguma censura com o que você pode ou não falar em sala de aula? Alguma recomendação expressa?

15- Você acha que os professores são injustiçados?

16- O projeto Escola sem Partido, polêmico, queria fixar cartazes nas escolas com os deveres dos professores. Houve muito debate em cima disso. Como você encarou essa proposta?

O cartaz mostra:

DEVERES DO PROFESSOR

1 – O Professor não se aproveitará da audiência cativa dos alunos para promover os seus próprios interesses, opiniões, concepções ou preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e partidárias. 2 – O Professor não favorecerá nem prejudicará ou constrangerá os alunos em razão de suas convicções políticas, ideológicas, morais ou religiosas, ou da falta delas. 3 – O Professor não fará propaganda político-partidária em sala de aula nem incitará seus alunos a participarem de manifestações, atos públicos e passeatas. 4 – Ao tratar de questões políticas, sócio-culturais e econômicas, o professor apresentará aos alunos, de forma justa – isto é, com a mesma profundidade e seriedade –, as principais versões, teorias, opiniões e perspectivas concorrentes a respeito da matéria. 5 – O Professor respeitará o direito dos pais dos alunos a que seus filhos recebam a educação religiosa e moral que esteja de acordo com suas próprias convicções. 6 – O Professor não permitirá que os direitos assegurados nos itens anteriores sejam violados pela ação de estudantes ou terceiros, dentro da sala de aula.

17- Nos últimos anos vimos diversas greves dos professores da rede pública de educação em greve reivindicando melhores salários. O Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais (Sind-UTE/MG) realiza nesta quarta-feira (28/2/18) a sua primeira assembleia estadual com indicativo de greve de 2018. Durante a assembleia estadual, que acontece a partir das 14h, no Pátio da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG), os trabalhadores e as trabalhadoras em educação vão cobrar do governo do Estado o cumprimento dos acordos assinados, fim do parcelamento do 13º salário, pagamento do Piso Salarial de acordo com os acordos assinados e atendimento de qualidade pelo Ipsemg. Como encara essas manifestações e se você acompanha esses atos em busca dos seus direitos?

18- A jornalista Estela Torres, da Rádio Itatiaia, informou que dia 19 de fevereiro houve manifestação contra a reforma da previdência em Varginha. Professores da rede Estadual organizaram a mobilização, que ocorreu às três e meia da tarde, em frente à Concha Acústica, no centro da cidade. Começou o ano letivo nas escolas públicas de todo o Estado, mas muitos professores não estão nas escolas, estão nas manifestações organizadas em várias cidades de Minas. Aqui na nossa região o Sind-UTE, responsável pelos trabalhadores da educação ainda não têm um levantamento sobre a adesão à paralisação de hoje. Em Guapé os professores das Escolas Municipais começaram greve e vão diminuir meia hora de aula, a cada dia, manifestando cumprimento da lei estadual na jornada de trabalho dos professores do município. A prefeitura de Guapé divulgou nota informando que, cumpre o que determina a lei e pretende

punir os grevistas com corte de ponto, processo administrativo e até rescisão de contratos. Você participou? Teve conhecimento? Qual sua opinião?

19- Sabemos que as manifestações são em grande parte devido a questões salariais. Muitos dizem que o professor não recebe bem e que o piso salarial da categoria é abaixo do esperado? O que você acha a respeito?

20- Muitos professores dão expedientes em várias escolas para ter seus ganhos melhorados. Algumas recorrem a atividades extras para complementar a renda para poder sobreviver. Você recorre a outras atividades como complemento salarial?

21- Uma reportagem publicada no G1 mostra um vídeo em que um professor nina um bebê, para que a mãe da criança pudesse assistir à aula. Já houve alguma situação curiosa enquanto você lecionava?

22- Em uma postagem na página no *facebook* dos “professores da educação infantil”, a participante do grupo posta o seguinte diálogo entre uma professora e um aluno:

- Professora, você tem mãe?
- Sim, por quê?
- Ela não vem te buscar?!

A postagem contou com mais de 6 mil curtidas e mais de 320 compartilhamentos, quando eu acessei em 04/03/2018. Os alunos são sempre curiosos e fazem as vezes perguntas curiosas. Alguma situação inusitada ou alguma pergunta que te constrangeu?

23 – O que te motiva a continuar sendo professora? Alguma história marcante que lembre que reforce a sua vontade em continuar?

24 – Quais outras histórias gostaria de compartilhar?

